



A Santa Sé

VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA JOÃO PAULO II AO BRASIL

[12-21 DE OUTUBRO DE 1991]

**DISCURSO DO SANTO PADRE
ÀS RELIGIOSAS NA SEDE DO
«SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO»**

Florianópolis, 18 de Outubro de 1991

Queridas filhas em Cristo!

1. Saúdo aos irmãos religiosos que se uniram a este encontro, mas dedicado sobretudo às religiosas do Brasil. Sinto-me imensamente feliz estando novamente convosco, revivendo aqueles encontros que tive a alegria de manter com as religiosas do Brasil, por ocasião da minha primeira viagem pastoral a esta querida Nação.

Agradeço à Irmã Ilze Mees, as amáveis palavras que acaba de me dirigir, em nome de todas as religiosas do Brasil.

Minhas filhas, é fundamental vosso papel nesta imensa tarefa da nova evangelização, a que Deus nos convoca neste final de milênio. Seria impossível à Igreja cumpri-la devidamente sem a participação generosa de vossa *vida consagrada*.

Como dizia há dois anos a todos os religiosos e religiosas do Brasil, “seria quase impossível imaginar a vitalidade da Igreja no Brasil sem essa rede de comunidades religiosas, que tornam presente e visível o Evangelho... Agradeço-vos de coração a fidelidade à *vossa consagração e missão*, a vossa presença eclesial em todas as latitudes deste imenso Brasil. A fecundidade misteriosa de vossas comunidades contemplativas, o testemunho dos que vivem sua inserção entre os mais pobres e a generosa dedicação dos que trabalham em regiões longínquas e isoladas, constituem uma riqueza para a Igreja no Brasil e comprovam sua vitalidade”(Ioannis Pauli PP. II *Epistula occasione oblata XV Coetus generalis ordinarii Religiosorum Brasiliae*, 1, die 11 iul. 1989: *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XII, 2 (1989) 70s).

2. Este horizonte tão rico e empolgante da missão que Deus vos convoca para realizar na Igreja e no mundo, exige de vós, como condição de sua vitalidade, uma *fidelidade incondicional a Cristo e*

à Igreja. Sobre ela quero falar-vos hoje, de maneira mais especial. Nunca será demais recordar que “a identidade e autenticidade da vida religiosa se caracterizam pelo seguimento de Cristo e pela *consagração a Ele*, mediante a profissão dos *conselhos evangélicos* de castidade, pobreza e obediência. Com eles se expressa a total dedicação ao Senhor e a identificação com Ele, na sua entrega ao Pai e aos irmãos”(Ioannis Pauli PP. II *Epistula ad Religiosos Religiosasque Americae Latinae D imminente anno ab Evangelio ibi nuntiato*, 16, die 29 iun. 1990: *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 1 (1990) 1715).

Amai, com profundo espírito de fé, esses três vínculos santos. Eles, por assim dizer, definem e qualificam a vossa vida, criam um espaço de absoluta liberdade dentro dos vossos corações, que podem, por eles, acolher o amor de Cristo e viver inteiramente por Ele, para Ele e d'Ele. A religiosa, fiel aos compromissos de sua consagração, experimenta a inefável felicidade de caminhar em companhia de Jesus, de viver de sua palavra, de gozar de sua presença interior, de participar na sua missão salvadora (Cfr. *Ibidem*).

3. Amai, portanto, com toda a alma, o conselho evangélico da *castidade*. Ele liberta, de modo singular, os vossos corações, para se inflamarem mais e mais na caridade de Deus e dos homens todos. Ele é um meio ímpar para vos dedicardes com ardor ao serviço e às obras de apostolado (Cfr. *Perfectae Caritatis*, 12).

Quando o amor de Cristo é assumido com “coração indiviso”, em sua plenitude, sem concessões e duplicidades, sem esmorecimentos e compensações, a castidade se revela como uma *jubilosa afirmação do amor*, e não como uma limitação ou uma negação. Ela canaliza e dá novo vigor à infinita capacidade de amar que Deus colocou no coração humano, levando-o às alturas do ilimitado amor divino. E é deste amor que brota a *maternidade espiritual* (Cfr. *Gl 4*, 19), geradora de vida para a Igreja. O exemplo de Maria Santíssima, a Virgem de Nazaré, será sempre fonte de especial fecundidade espiritual em vossa vida consagrada, e o amparo seguro da entrega feita por amor a Deus.

4. Amai, da mesma forma, com toda a alma, os conselhos evangélicos da *pobreza e da obediência*, com o ardente desejo de imitar o exemplo de Cristo, que “por vós se fez pobre, a fim de vos enriquecer por sua pobreza” (2 *Cor* 8, 9), e que, por amor ao Pai e para a salvação dos homens, “humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz”(*Fl 2*, 8). Os conselhos evangélicos, tal como sempre foram entendidos e vividos na Igreja, podem hoje parecer uma verdadeira “loucura” (1*Cor* 1, 18) a muitos incapazes de perceber a “sabedoria das coisas de Deus” (Cfr. *Mt* 16, 23). São, de fato, uma *loucura*, mas uma *feliz loucura de amor*.

Ficai certas de que não pode haver autêntica renovação da vida religiosa, nem um reflorescimento das vocações religiosas, sem este sincero aprofundamento da vossa fidelidade à consagração total, expressa e concretizada nesses conselhos.

Os conselhos evangélicos, permiti-me insistir, vividos em plenitude de alegria, vos identificam com Jesus Cristo Crucificado e Ressuscitado. Tornam-se assim para toda pessoa consagrada uma fortíssima motivação amorosa, um ideal sempre vivo e presente, capaz de superar todos os cansaços, aflições e contrariedades.

5. Estes três conselhos evangélicos, arcabouço da vossa vida de doação, devem, porém concretizar-se *de acordo com a identidade específica de cada família religiosa*.

A variedade dos Institutos religiosos é como “uma árvore que se ramifica, esplêndida e múltipla, no campo do Senhor” (*Lumen Gentium*, 43).

Esta diversidade se explica, por vontade de Deus, pela *variedade dos carismas dos Fundadores e Fundadoras*. Esses carismas devem ser vividos pelos seus discípulos e discípulas, conservados zelosamente, aprofundados e desenvolvidos, em homogênea continuidade, ao longo dos tempos, sejam quais forem as circunstâncias históricas.

Cada Instituto, com efeito, como reflexo da infinita variedade dos dons do Espírito, tem seus “fins e seu caráter próprios” (Cfr. *Codex Iuris Canonici*, can. 598), não somente no que concerne à observância dos conselhos evangélicos, mas também em tudo que se relaciona com o estilo de vida de seus membros.

6. Daí decorrem diversas conseqüências. Levando-se em conta que a formação inicial e permanente, segundo o próprio carisma, está nas mãos do Instituto, a *formação intercongregacional* não pode suprir inteiramente a tarefa da formação permanente dos seus membros. Esta deve estar impregnada, em muitos aspectos, das características próprias do carisma de cada um dos Institutos. Cada um deve, portanto, promover e organizar diversos tipos de formação especial, para o melhor cumprimento de seus fins específicos. Com efeito, a fidelidade ao próprio carisma precisa ser aprofundada no conhecimento, cada dia mais apurado, da história do Instituto, da sua missão peculiar e do espírito do Fundador, acompanhado de um esforço correspondente para encarná-lo na vida pessoal e comunitária. Por isso, a formação intercongregacional deverá ser complementar e a serviço de cada Instituto, mas não servirá de suplência ou como nivelamento dos distintos carismas.

A segunda conseqüência, derivada da primeira, é que esta rica diversidade de carismas, os frutos próprios com que contribuem para o Reino de Deus, se empobreceriam caso fossem *nivelados por um mesmo padrão, ou uniformizados por causa de finalidades pastorais que se polarizam em torno de um objetivo unilateral*.

Deve-se ter isto presente, de forma muito especial, com relação aos problemas que, muitas vezes, trazem consigo a chamada “*inserção da comunidade religiosa em meio popular*”.

Já notava o documento de Puebla, que a opção preferencial pelos pobres tem sido um fator muito expressivo na vida religiosa latino-americana durante os últimos tempos (Cfr. *Puebla*, 721-766).

Esta opção preferencial pelos pobres, que nunca é exclusiva nem excludente, levou, de fato, a muitos religiosos e religiosas a estarem generosamente “presentes nos bairros de periferia, entre os indígenas, os anciãos e os doentes, nas inúmeras situações de miséria que a América Latina (e, conseqüentemente o Brasil), vive e sofre, como são as novas pobreza que afetam sobretudo os jovens, desde o alcoolismo até à droga” (Ioannis Pauli PP. II *Epistula ad Religiosos Religiosasque Americae Latinae D imminente anno ab Evangelio ibi nuntiato*, 19, die 29 iun. 1990: *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 1 (1990) 1718).

Neste sentido, *as pequenas comunidades religiosas inseridas em meio popular*, podem ser, e na realidade o são muitas vezes, uma expressão significativa desta “opção pelos pobres”.

Mas é de suma importância saber que essa presença, para estar de acordo com os desígnios do coração de Cristo, deve ser vivida em perfeita harmonia com o espírito dos fundadores de cada Instituto e com as características próprias da vida consagrada.

7. Propor a todas as famílias religiosas *um só modelo de vida e missão*, a inserida nos meios populares, seria esquecer a importância insubstituível da ação que muitas religiosas, em consonância com o seu carisma peculiar, devem desenvolver nos diversos ambientes sociais. As religiosas que, pela índole e fins próprios de seus Institutos, trabalham nestes ambientes, fiquem certas de que são um foco de evangelização muito necessário, e estão prestando um grande serviço à causa de Cristo na sociedade, considerada como um todo orgânico.

Naturalmente, esta vossa ação diferencia-se substancialmente da que compete aos leigos, por sua própria vocação. Nunca será uma *imitação* da mesma, pois isso descaracterizaria a essência da vossa vocação religiosa.

Quanto às religiosas que, sempre de acordo com o carisma do seu instituto e com a legítima indicação da Autoridade correspondente, se inseriram nos meios populares, compartilhando a vida e os trabalhos dos mais pobres, fiquem certas de que serão operárias eficazes do Evangelho *na medida em que preservarem sua identidade como consagradas*.

É, sem dúvida, muito louvável o esforço generoso e a boa intenção com que ajudam as populações carentes, muitas vezes abandonadas à própria sorte. Porém, é necessário que essas pequenas comunidades observem certos critérios, que assegurem sua autenticidade religiosa.

Entre eles: a garantia de que *possam viver em comunidade*, de acordo com as características de cada instituto, a vida de oração, comunitária e pessoal, que exige na comunidade os tempos e os lugares de silêncio; a completa *disponibilidade para obedecer às exigências das superiores do Instituto*; uma atividade apostólica que corresponda, antes de tudo, não a uma escolha pessoal, mas a uma opção do Instituto, em harmonia com o carisma e com a pastoral diocesana, da qual o Bispo é o primeiro responsável (Cfr. Congr. pro Institutis Vitae Consecr. et Societatibus Vitae Apost. *Normae directivae de Institutione in Religiosis Institutis*, 28, die 2 febr. 1990: AAS 82 (1990) 491s).

Enfim, qualquer que for o trabalho a que vos dedicais, não poderá nunca diminuir, de qualquer forma, a vida de oração contínua, como diz o Senhor: “convém orar sempre e não desfalecer” (Lc 18, 1). *A vida religiosa exige que se harmonize, em uma forte unidade, o tempo dedicado à intimidade com Deus e o tempo consagrado às diversas atividades*.

8. Com grande alegria quero recordar agora a recomendação que fiz aos Bispos brasileiros do Regional Norte-1, na sua visita *ad limina*, quando lhes pedia “a promoção e acompanhamento dos *Institutos de vida contemplativa*, cuja presença na Igreja se torna tanto mais importante quanto são maiores as necessidades pastorais do povo” (Ioannis Pauli PP. II *Allocutio ad quosdam Brasiliae episcopos*, 4, die 21 maii 1990: *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIII, 1 (1990) 1374).

Caríssimas religiosas contemplativas, o Papa vos assegura que *sois um grande tesouro da Igreja*. Sem vossa amorosa imolação, sem vossa intercessão continuada, sem vosso alegre sacrifício, o trabalho da Igreja se veria privado de uma das maiores fontes de energia. *Estais no próprio*

coração da Igreja. Sois como um motor oculto que lhe fornece energia para sua atividade fecunda. Perseverai na vossa função indispensável de orar, contribuindo para que a ação do Espírito vivifique todo o organismo eclesial.

9. Queridas irmãs, meditai nesta *dupla fidelidade* que o Papa vos recorda, que Deus vos pede. Não duvideis de que dela depende a incomparável eficácia de vossa vocação e missão na Igreja. Esta fidelidade será sempre vosso ponto de referência para qualquer renovação, para toda e qualquer “reciclagem”, que procure, de modo autêntico, a verdadeira vitalidade da vida religiosa.

Termino este encontro agradecendo a Deus, mais uma vez, o dom de vossa vida consagrada, que enriquece de modo singular a Igreja toda. E peço, ao mesmo tempo, que a nova evangelização almejada por todos, seja vitalizada por uma nova floração de autênticas vocações religiosas no Brasil, autênticas religiosas.

De todo coração abençoo a todas as famílias religiosas, todas e cada uma de vós, confiando-vos aos cuidados maternos da sempre Virgem Maria, Nossa Senhora Aparecida. E termino este encontro agradecendo a Deus pela beatificação de Madre Paulina.